

ISSO 0103-8311

CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

SÃO PAULO - SP

**BOLETIM
CEO**

Bol. CEO Nº 3 (Reedição)

p. 1-34

Janeiro de 1987

CENTRO DE ESTUDOS ORNITOLÓGICOS

CGC 57.063.992/0001-13

CAIXA POSTAL 64532 05497-970 - SÃO PAULO, SP

DIRETORIA

Presidente: Liliana Forneris

Vice-Presidente: Luiz Octavio Marcondes Machado

1º Secretário: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

2º Secretário: Maria Martha Argel-de-Oliveira

1º Tesoureiro: Maria Aparecida Visconti

2º Tesoureiro: Suely Sanae Kashino

BOLETIM CEO

Editor: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

Editores Associados: Hélio F. de Almeida Camargo e Maria Aparecida Visconti

Logotipo: Criação: Luiz Fernando. Arte-final: Rolf Grantsau

Impressão: São Vito Ind. e Com. de Papéis Ltda (cortesia)

O *Boletim CEO* propõe-se a ser publicado semestralmente em janeiro e julho e é de responsabilidade do Centro de Estudos Ornitológicos. Tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia e ciências afins.

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange.

Assinatura anual: R\$10,00 ou equivalente.

SUMÁRIO

EDITORIAL

- 03 O Boletim CEO

OBJETIVA

- 04 O Centro de Educação Ambiental

SEÇÃO CIENTÍFICA

- 06 Um programa de censo de avifaunas de ambientes urbanizados
Luiz Fernando de A. Figueiredo
Maria Martha Argel-de-Oliveira
Liliana Forneris
- 13 *Anodorhynchus leari* Bonaparte, 1856: descoberta ou redescoberta?
Hélio F. de Almeida Camargo

PAINEL

- 17 II Curso de observação de Aves CEA-CEO: em busca de um programa e de uma metodologia
Luiz Fernando de A. Figueiredo
- 23 O problema da extinção das espécies.
Liliana Forneris
- 26 Ainda sobre os nomes populares das aves brasileiras
Elizabeth Höfling

NOTAS DE CAMPO

- 29 Locais utilizados pelo canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), para a nidificação
Luiz Octávio Marcondes Machado
- 30 Ocorrência da calandra real (*Mimus triurus*) (Passeriformes, Mimidae) no Estado de São Paulo
Maria Martha Argel-de-Oliveira

- 33 **CARTAS RECEBIDAS**

NOTA DO EDITOR para a reedição do Boletim CEO N° 3:

Em virtude de diversas solicitações de números anteriores já esgotados do Boletim CEO, decidiu-se pela reedição dos mesmos. Decidiu-se também pela reedição em computador, nos moldes dos Boletins atuais.

Pela necessidade de manter a maior fidelidade possível à edição original, foi necessário utilizar em algumas situações, como na paginação, alternativas de formatação diferentes das que permitiriam os melhores resultados estéticos. Alertamos aos que pretenderem fazer citações bibliográficas detalhadas, que o conteúdo de cada página é rigorosamente o mesmo da edição original, mas o mesmo não ocorre com relação a cada linha.

Nesta reedição foram reformuladas a Folha de Rosto, a página de “expediente”, no verso da primeira e as “Instruções aos colaboradores” (na edição original “Instruções aos Autores”).

A edição original teve sua datilografia e composição realizadas por Maria Martha Argel-de-Oliveira. Agradecemos à São Vito Indústria e Comércio de Papéis pela digitação desta reedição e a Adilson Pontes pela conferência da mesma.

Abril de 1996.

Luiz Fernando de A. Figueiredo

EDITORIAL

O BOLETIM CEO

O Boletim CEO surgiu em janeiro de 1986 pretendendo ser apenas “o canto de uma ave nova no jardim”. Hoje, um ano depois, atinge o seu terceiro número e o quarto será lançado já em abril de 1987, uma edição de outono, iniciando sua presença também nessa estação.

Pelas manifestações recebidas de muitos leitores, acreditamos que o Boletim foi bem sucedido e que já pode ser considerado uma “espécie boa”.

Grande parte de seu sucesso se deve à prestimosa colaboração da São Vito Indústria e Comércio de Papéis Ltda, que tem cedido graciosamente os materiais e o trabalho de impressão. Outra parte se deve aos Autores que têm colaborado com os textos.

O Boletim pretende manter sua linha editorial eclética. Deste modo os Autores poderão publicar desde um trabalho científico até um desabafo. Acreditamos que assim, sem deixar de ter o necessário rigor científico, ampliam-se as possibilidades de participação do “observador de aves” em geral, menos afeito com as exigências metodológicas das pesquisas acadêmicas.

O EDITOR

OBJETIVA

O CENTRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O Departamento de Parques e Áreas Verdes (DEPAVE), pertencente à Secretaria de Serviços e Obras (SSO) da Prefeitura do Município de São Paulo, tem entre suas atribuições a implantação, o manejo e a conservação de áreas verdes e Parques Municipais, além da produção de mudas para o plantio na cidade de São Paulo.

O Centro de Educação Ambiental (CEA) foi criado em 24 de junho de 1986, dentro do DEPAVE, com a finalidade de desenvolver atividades voltadas para o meio ambiente, como:

- promoção de palestras, exposições e cursos, destinados ao público em geral, sobre assuntos relacionados ao estudo e conservação do meio ambiente;
- treinamento de professores, monitores e estagiários para a execução de programas de Educação Ambiental;
- execução de programas de Educação Ambiental nos Parques Municipais, visando atingir o público infantil usuário dos mesmos;
- levantamento da flora do município e cadastramento das espécies vegetais pelo Herbário Municipal. Também são efetuadas pesquisas sobre as características e possíveis utilidades dessas espécies, e com tais informações está sendo organizado um banco de dados sobre espécies nativas e cultivadas;
- produção de material didático de apoio, utilizado nos cursos, e de material de divulgação;
- conscientização da população quanto à importância da arborização, através da “Campanha Edu-

cativa São Paulo Verde”.

Um exemplo do material de divulgação elaborado pelo CEA é a série “Conheça o Verde”, publicada em conjunto com o Centro de Pesquisas de História Natural (CPHN). Cada um dos fascículos contém a descrição da vegetação de um parque da cidade, além de seu histórico e de um roteiro de visitação, ao longo do qual o visitante encontra plantas identificadas por meio de placas informativas (com nome popular, nome científico, família e local de origem de cada espécie). Até o momento foram lançados os seguintes fascículos: 1. Parque da Aclima o; 2. Parque da Luz; 3. Parque Previdência e 4. Parque Raposo Tavares e CEMUCAM (Centro Municipal de Campismo).

Situado no Parque Previdência, o CEA utilizou, para sua instala o, a estrutura de uma antiga esta o de tratamento de água, e atualmente dispõe, para o desenvolvimento de suas atividades, de: um auditório, com sala de proje o e capacidade para 90 pessoas; estufa de plantas ornamentais, com tanque para plantas aquáticas e bancadas para utiliza o durante os cursos; espelhos d’água; área preparada para a instala o de hortas. Estão planejadas ainda a instala o de um orquid rio e a constru o de um viveiro de aves. Este último servirá a diversos propósitos, entre os quais a pesquisa científica, além da aclima o de aves a serem libertadas em Parques Municipais e do tratamento de aves doentes recolhidas na cidade.

SEÇÃO CIENTÍFICA 1

UM PROGRAMA DE CENSO DE AVIFAUNAS DE AMBIENTES URBANIZADOS*

Luiz Fernando de A. Figueiredo
Maria Martha Argel-de-Oliveira
Centro de Estudos Ornitológicos

Liliana Forneris
Depto de Zoologia - IBUSP
05422-970 - São Paulo, SP

Introdução

Uma das atividades preferidas pelos observadores é a realização de levantamentos de avifauna. Em alguns países onde a observação de aves é uma atividade bastante difundida, o grande contingente de observadores tem sido aproveitado em programas de levantamento e contagem de aves, como por exemplo as Contagens de Natal, “Christmas Counts”, dos norte-americanos. Promovidas pela National Audubon Society, tais contagens foram iniciadas em 1900, com a participação de 27 pessoas, e tal foi o sucesso que, em 1971, esse número já havia aumentado para 18.000. Numa época de grandes transformações ambientais provocadas pelo homem, o levantamento contínuo da avifauna de uma região fornece dados que permitem avaliar as alterações ecológicas aí ocorridas. A questão de estarem ou não as aves das cidades aumentando (ver o Editorial, *Boletim CEO*, 2:3-5, 1986) poderá ser esclarecida através de um programa de censo de aves urbanas.

* Recebido em dezembro de 1986.

Para a organização e execução de tais programas, nenhuma entidade é mais adequada do que as associações ornitológicas e de observadores de aves. Desta maneira, o CEO organizou o presente Programa, com o propósito de reunir e divulgar informações referentes à avifauna de ambientes alterados, em especial as áreas urbanas.

Qualquer observador de aves pode colaborar com o Programa, cujos objetivos estão relacionados a seguir:

1. Determinar a composição avifaunística de locais de vegetação alterada, reconstituída ou extinta, em especial das áreas urbanas;
2. Determinar variações sazonais quanto à presença de espécies ou quanto ao tamanho de populações, particularmente no caso de espécies migratórias;
3. Divulgar listas de espécies de diversas áreas, visando auxiliar observadores principiantes e estimular a preservação;
4. Fornecer dados adequados para eventuais estudos de variação avifaunística a longo prazo;
5. Auxiliar a elaboração de planos de plantio de vegetais úteis às aves, além de outros projetos, como por exemplo, de educação ambiental ou, eventualmente, após muito estudo, de soltura de aves;
6. Obter e divulgar, na medida do possível, informações sobre a biologia das espécies observadas, como reprodução, alimentação, comportamento social, etc.

Metodologia a ser utilizada

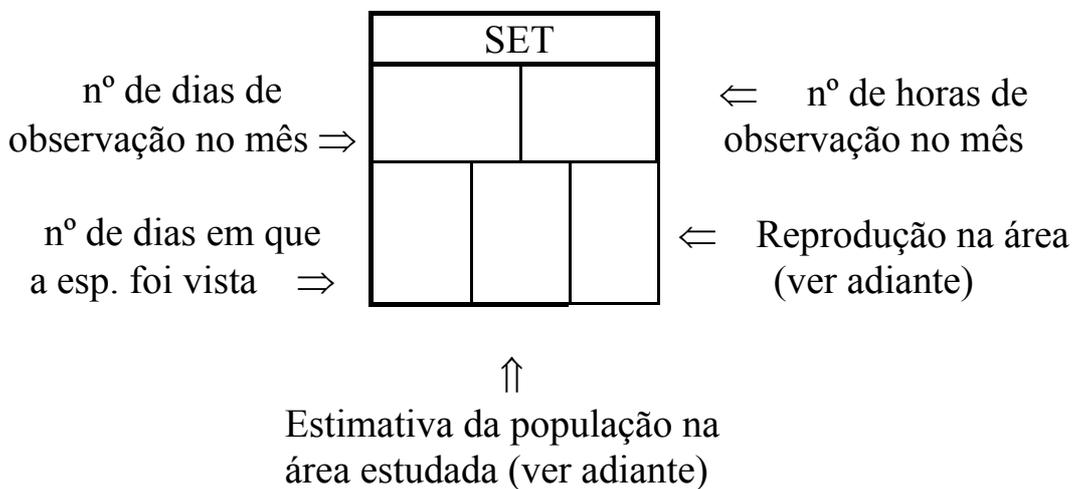
1. Pelo observador

Por “área” pode-se entender qualquer extensão territorial: uma residência, uma rua, um bairro, uma praça ou parque urbano, uma cidade, um sítio ou fazenda, etc. Assim, cada observador deve definir o mais precisamente o local em que foi realizado seu levantamento, respondendo da melhor maneira possí-

vel o questionário da página seguinte. Essas informações deverão acompanhar os resultados enviados por cada colaborador. Cada participante pode realizar suas observações em mais de um local, desde que as listas sejam feitas em separado e que cada localidade seja caracterizada (responder um questionário para cada uma).

Quanto à forma de registro dos dados, sugere-se que o colaborador elabore listas diárias, ou seja, a relação das espécies registradas em cada dia em que observação foi feita. No caso de serem feitas listas abarcando períodos maiores (p.e., semanais) pede-se que estas não ultrapassem o final de cada mês, já que nos formulários enviados ao CEO deverão constar os meses em que cada espécie foi vista. Algumas vantagens das listas diárias serão abordadas mais adiante.

Para padronizar as informações recebidas de diferentes observadores, estes deverão preencher a Ficha de Notificação de Espécies Observadas (em anexo), da seguinte forma:



(Quando os valores forem zero, deixar em branco a casela correspondente)

Observador _____ Ano _____

Caracterização da área de observação

1. Dê localização (o mais exato possível; se situada em cidade dar o endereço; caso possa, dê coordenadas geográficas).

2. Assinale o que é aplicável a sua área:
 rural urbana

3. Caso sua área esteja em ambiente rural, assinale com (1) os tipos de vegetação nos quais realizou observações (assinale com 0 outros tipos de vegetação que existam nas proximidades ou nos quais não tenha feito observações):

pasto com árvores pasto com arbustos pasto limpo
 cerrado brejo pomar
 mata primária mata secundária capoeira
 plantação (Especifique _____) jardim
 outros (Especifique _____)

4. Caso sua área esteja em ambiente urbano, assinale o que for aplicável (pode ser mais de uma característica):

área verde parque praça
 bairro bem arborizado bairro pouco arborizado
 bairro residencial bairro comercial
 bairro industrial bairro de muito movimento
 bairro com grandes áreas verdes nas proximidades (ca. 1 km)
 (Descreva-as _____)
 bairro central bairro periférico
 predomínio de casas predomínio de prédios
 outras características (Especifique _____)
 _____)

5. Dê uma idéia da extensão do local de observação (a área em m² ou em hectares, ou quantos quarteirões compreende, etc.).

O número de dias de observação realizados em cada mês informa se a área é estudada regular ou esporadicamente pelo observador. Juntamente com a informação de quantas horas foram dispendidas por mês em observações, é um dado útil quando da comparação do resultado de diferentes meses do ano. Uma sugestão é padronizar o horário das observações (de preferência entre 06:00 e 10:00), bem como sua duração.

Para cada espécie deve ser informado quantos dias por mês foi registrada, pois isso permite que, pela comparação entre diferentes meses, detectem-se possíveis variações em abundância, principalmente nos casos em que o item tratado a seguir não for preenchido.

Estimativa da população de cada espécie na área estudada: esta será, na maioria das vezes, aproximada, e pode ser indicada por uma letra, conforme convencionado a seguir:

LETRA	Nº DE INDIVÍDUOS	LETRA	Nº DE INDIVÍDUOS
A	1	F	21 - 40
B	2	G	41-100
C	3 - 5	H	mais de 101
D	6 - 10	X	não determinado
E	11 - 20		

Reprodução na área: se a espécie for observada em atividade relacionada à reprodução, um X dever ser assinalado na casela correspondente. Se desejado, pode-se detalhar qual o comportamento observado, de acordo com o seguinte código:

c - corte

t - material de construção do ninho sendo transportado

o - achado ninho com ovos

f - filhotes

n - ninho encontrado vazio

Quaisquer outros dados sobre cada espécie po-

dem ser anotados no verso da ficha ou em anexo. Esses dados podem ser sobre:

- alimentação (comportamento alimentar, alimentos ingeridos)
- vocalizações (época, horário)
- comportamento social (presença de bandos)
- territorialidade
- datas de aparecimento ou de partida de aves migratórias
- descrição de ninhos, ovos ou filhotes
- locais de pouso (para o canto, para alimentação)
- altura em que é vista com maior freqüência.

As Fichas de Notificação de Espécies Observadas deverão ser enviadas ao CEO o mais rápido possível após o final de cada ano. Não é necessário, embora seja recomendado, que as observações em um determinado local abranjam o ano todo.

2. Pelo Centro de Estudos Ornitológicos

Os resultados relativos a cada ano (a partir de 1987) serão publicados no Boletim CEO de outono, no ano seguinte. Estima-se que durante os três primeiros meses do ano sejam recebidas e analisadas todas as fichas.

A publicação dos resultados será feita sob a forma de listas sistemáticas reunindo os dados de observadores que tenham estudado áreas passíveis de serem agrupadas - por exemplo, Município de São Paulo, ou a Grande São Paulo.

SEÇÃO CIENTÍFICA 2

Anodorhynchus leari BONAPARTE, 1856: DESCOBERTA OU REDESCOBERTA?*

Hélio F. de Almeida Camargo

Museu de Zoologia da USP

Caixa Posta 7172

01051-000 - São Paulo, SP

Meu prezado amigo Luiz Pedreira Gonzaga, da Seção de Aves do Museu Nacional, referindo-se, em carta publicada no *Boletim CEO*, 2: 36 (julho de 86), à minha saudação ao Prof. Dr. Helmut Sick, por ocasião do lançamento, em São Paulo, em agosto de 1985, do seu livro “Ornitologia Brasileira, uma introdução”, em dois volumes, diz que “A arara *Anodorhynchus leari* não foi redescoberta no Raso da Catarina por H. Sick e seus colaboradores (como consta no Editorial e no Destaque), mas verdadeiramente descoberta por eles na natureza em 1978, pois era conhecida até então por exemplares cativos de procedência ignorada”. Ao escrever a saudação ao Prof. Sick eu tinha sob meus olhos toda a bibliografia, ou pelo menos a maior parte dela, referente ao encontro de *A. leari* por aquele distinto ornitólogo e seus dois discípulos, Dante Martins Teixeira e Luiz Pedreira Gonzaga, em dezembro de 1978. Esta bibliografia é a seguinte: Sick, Teixeira & Gonzaga (1979); Sick (1979a); Sick (1979b); Sick & Teixeira (1980); Freud; (1980) e Sick (1981). Dessas seis publicações, apenas uma (Sick, 1981), não traz no título do trabalho a notícia da descoberta da pátria de *A. leari*. Daí eu não poder ignorá-la, mesmo que não

* Recebido em dezembro de 1986.

tivesse lido o trabalho. Porém dei ênfase ao encontro da espécie, chamada por Forshaw (1973) de “mysterius bird”, pois, descrita em 1856 pelo Príncipe Charles Lucien Bonaparte, essa arara durante mais de cem anos só era vista, de quando em quando, em cativeiro. Olivério Pinto (1938) dizia, mesmo, que “pesam grandes incertezas sobre a validade dessa espécie, cujo exemplar típico não é igualmente fora de dúvida ser proveniente do Brasil”. Sick e seus dois colaboradores, no entanto, após demoradas investigações nas bibliotecas, coleções particulares e no campo, a redescobriram em seu verdadeiro biotopo, livre na natureza. Essa redescoberta, sem dúvida, representa uma das páginas mais brilhantes dos anais da ornitologia neotropical. Também Haffer (1985) utiliza a mesma palavra (redescoberta), provavelmente no mesmo sentido, para cinco espécies de aves, incluindo *A. leari*, ao escrever na página 114, que elas “...had been known for decades from a few specimens until they were rediscovered recently” (o grifo é meu).

Quanto à redescoberta de *A. leari* na natureza, em dezembro de 1978, não há dúvida que devemos a Sick e colaboradores terem posto um ponto final na incerteza que há muitos anos pairava sobre a verdadeira distribuição geográfica da espécie. Na descrição original o Príncipe C. L. Bonaparte nada menciona sobre a procedência do exemplar que descreveu. Salvadori (1891) diz, no final da sua descrição, apenas “Probably some part of Brasil”, e na pele, pertencente à coleção Sclater, que serviu para a descrição, lê-se no rótulo: “Brazil?”. Olivério Pinto (1950 e 1978) acreditou haver razões para considerar Juazeiro, no noroeste da Bahia, como a área de ocorrência de *A. leari*, hipótese contestada por Sick e colaboradores (1979) ao constatarem, em 1964, “...que na região de Juazeiro não existem araras

na natureza, mas que no mercado são às vezes vendidas”. Portanto, até o momento podemos afirmar com segurança, com Sick e seus discípulos (1979), que a distribuição geográfica de *A. leari*, que ocorre apenas no Brasil, está restrita ao Raso da Catarina, cabeceiras do Rio Vaza Barris, nordeste da Bahia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- Forshaw, J. M., 1973. *Parrots of the World*. Melbourne, Lansdowne. 584 p.
- Freud, A., 1980. The discovery of the home of Lear's macaw. *Avicultural Mag.*, 86:261-263
- Haffer, J., 1985. Avian Zoogeography of the neotropical lowlands. In: P. A. Buckley, M. S. Foster, E. S. Morton, R. S. Ridgely & F. G. Buckley (eds) *Neotropical Ornithology*. Lawrence, Allen Press. p. 113-146.
- Pinto, O. M. de O., 1938. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista. 1ª parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam. Tyrannidae e seguintes. *Revta. Mus. Paul.*, 22:1-566.
- Pinto, O. M. de O., 1950. Miscelânea ornitológica, VI. sobre a verdadeira pátria de *Anodorhynchus leari* Bonap. *Pap. Av. Depto. Zool.*, 9:364-365.
- Pinto, O. M. de O., 1978. *Novo catálogo das aves do Brasil. Primeira Parte. Aves não passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família Tyrannidae.* São Paulo, s. ed. 446 p.
- Salvadori, T., 1891. *Catalogue of the birds in the British Museum*, vol XX (Psittaci, or Parrots). 658 p.
- Sick, H., 1979a. Découverte de l'Ara de Lear *Anodorhynchus leari*. *Ardea*, 47:59-60.
- Sick, H., 1979b. Die Herkunft von Lear's Ara *Anodo-*

- rhynchus leari* entdeckt! *Gefiederte Welt*, 103:161-162.
- Sick, H., 1981. About the blue macaws, especially the Lear's Macaw. *Technical Publ. ICBP*, 1:439-443.
- Sick, H. & Teixeira D. M., 1980. Discovery of the home of the Índigo Macaw in Brazil, with notes on field identification of "blue macaws". *Amer. Birds*, 34:118-119
- Sick, H., Teixeira, D. M. & Gonzaga, L.P., 1979. A nossa descoberta da pátria da arara *Anodorhynchus leari* (sic) *An.Acad.bras.Ciên.*, 51:575-576.

PAINEL 1

II CURSO DE OBSERVAÇÃO DE AVES CEA-CEO: EM BUSCA DE UM PROGRAMA E DE UMA METODOLOGIA*

Luiz Fernando de A. Figueiredo
Centro de Estudos Ornitológicos

Em outubro de 1986 realizou-se, no Parque Previdência, São Paulo, o II Curso de Observação de Aves, promovido pelo Centro de Educação Ambiental do Departamento de Parques e Áreas Verdes da Prefeitura Municipal de São Paulo e pelo CEO.

O motivo desta promoção foi o sucesso alcançado pelo I Curso, realizado no dia 5 de outubro de 1985, no mesmo local.

Ultimamente tem se tornado comum no Brasil a realização de cursos de observação de aves, que têm a importante função de atrair pessoas para as associações de observadores e despertar o interesse pelas aves e pela natureza.

Por se tratar de um assunto que envolve aspectos teóricos e práticos e alguns temas difíceis para os principiantes, como a identificação de espécies, é altamente desejável que se empenhe esforços na elaboração de uma metodologia pedagógica a ser usada nesses cursos. É desejável, para tanto, que os organizadores troquem informações sobre suas experiências. Neste sentido, decidiu-se publicar este relatório.

O II Curso de Observação de Aves teve os seguintes objetivos:

1. Dar aos alunos informações sobre aspectos gerais da observação de aves, tais como:

* Recebido em dezembro de 1986

- a - motivações, resultados e aspectos sociais da observação de aves;
 - b - equipamento utilizado;
 - c - técnicas de observação e registro das observações;
 - d - técnicas de atração de aves;
 - e - identificação das espécies.
2. Capacitar os alunos a fazerem descrições de aves no campo, como primeiro passo para a identificação.
 3. Capacitar os alunos a fazerem levantamentos de avifauna em áreas urbanas.
 4. Dar aos alunos uma visão geral das ordens e famílias de aves do Brasil, dando como exemplo espécies que ocorrem na cidade de São Paulo.
 5. Capacitar os alunos a reconhecerem , com o uso de um guia de campo, as aves mais comuns da cidade de São Paulo.
 6. Dar aos alunos alguns exemplos de estudos de aspectos da biologia de aves, como reprodução e alimentação.

Programa e conteúdo das aulas

O curso foi realizado em quatro domingos consecutivos.

1º dia, de manhã:

1ª aula : A Observação de aves: esporte, lazer, ciência e arte.

São abordados aspectos sociais da observação de aves, tais como: motivações para a observação, perfil e tipos de observadores, associações de observadores, problemas enfrentados durante as observações, importância dos observadores para a ornitologia e a conservação da natureza.

2ª aula : Equipamento

São apresentados os itens do equipamento: vestimenta, bolsa, caderno, binóculo, guias de campo, etc. Comenta-se o uso e a importância de cada item.

1º dia, à tarde:

3ª aula: Técnicas de observação e registro dos dados.

São apresentadas diversas técnicas, como observação “de espera” e “de percurso”; horários e épocas de observação; observação nos diversos ecótopos. Ressalta-se a importância do registro dos dados e mostra-se como usar a caderneta de campo, além de gravações e fotografias, com esta finalidade.

4ª aula : Atração de aves.

São apresentadas as diversas formas de atração de aves para os jardins e quintais: plantas, comedouros, caixas para ninhos.

2º dia, de manhã:

5ª aula: Identificação das espécies

São apresentados os procedimentos da identificação das aves: descrição, o uso de guias de campo, identificação pelo canto, identificação por vestígios. Distribui-se o Guia de Campo (ver adiante).

Exercício de aula: os alunos descrevem algumas aves mostradas em diapositivos e depois as diversas descrições são comentadas.

2º dia, à tarde:

6ª aula: Metodologia simplificada para o levantamento de avifauna urbana.

É apresentada uma metodologia simplificada para o levantamento de avifauna urbana.

Exercício para casa nº 1: solicita-se que os alunos façam, durante a semana seguinte, um levantamento das aves de uma área por eles escolhida (rua onde mora, seu bairro, uma praça, parque).

Exercício nº 2: pede-se que os alunos façam, durante a semana, a descrição de três aves, registrando para cada uma local, data e equipamento usado.

3º dia, de manhã:

7ª aula: Prática da observação no campo.

Faz-se uma saída para campo em área verde da cidade. Os alunos, acompanhados por monitores, identi-

ficam as aves com o uso do Guia de Campo; os monitores exemplificam o uso de equipamento e das técnicas de observação.

Os alunos entregam os exercícios para casa n° 1 e n° 2.

3° dia, à tarde:

8ª aula: Ordens e Famílias de aves do Brasil.

É apresentado um áudio-visual mostrando espécies representativas das principais ordens e famílias, dando-se ênfase às de ocorrência na cidade.

4° dia, de manhã:

9ª aula: Avaliação dos exercícios de descrição e levantamento.

É feita uma avaliação das descrições e levantamentos feitos pelos alunos, que em seguida apontam as dificuldades encontradas na execução das tarefas. Os coordenadores comentam falhas e erros nas descrições, que tenham dificultado ou impossibilitado a identificação das aves.

4° dia, à tarde:

10ª aula: Exemplos de estudos ornitológicos.

São apresentados resultados de alguns estudos sobre aspectos da biologia de aves, tais como reprodução e alimentação.

Ao final da aula, os alunos respondem um questionário, avaliando o curso.

Material utilizado

1. Apostila, “A Observação de Aves”, com os seguintes capítulos: 1. Equipamento; 2. Técnicas de observação; 3. Técnicas de atração de aves; 4. Registro das observações; 5. Sistemática das aves brasileiras.

2. “Guia para as Aves mais comuns da Cidade de São Paulo”, contendo informações (ocorrência estacional, abundância na cidade e seu habitat) e desenhos de 65 espécies.

Avaliação

Trinta e oito alunos responderam o questionário de avaliação. Desses, 80% consideram a carga horária suficiente, 15% excessiva e 5% insuficiente. Note-se que o número de presentes na última aula (38) foi bem inferior ao da primeira (70). Os motivos do não acompanhamento do curso até o final não foram investigados, mas é razoável imaginar que a extensão da carga horária tenha sido um fator desestimulante.

Quanto ao calendário, 63% consideraram ideal o curso ser aos domingos, manhã e tarde; 21% prefeririam que fosse aos sábados, manhã e tarde; 8% sugeriram domingos pela manhã e outros 8% sugeriram dias de semana, de 2^a a 6^a feiras, à noite. Note-se que a aprovação do calendário utilizado pode ser devida simplesmente ao fato de que as pessoas que acompanharam o curso até o fim (e que responderam ao questionário) foram as que melhor se adaptaram ao calendário. Seria necessário investigar melhor este aspecto, sendo ideal verificar-se a opinião dos interessados antes mesmo da inscrição no curso.

Foi indagado se os assuntos tratados no curso precisavam ser abordados em maior detalhe ou durante mais tempo. Mostra-se a seguir os assuntos aos quais, segundo os alunos, mais tempo deveria ser destinado: prática de observação no campo (18% do total das sugestões); identificação de aves (18%); reprodução e alimentação (18%); ecologia (aves e vegetais, habitats, 14%); características das famílias, sistemática (14%); outros assuntos (vocalizações, comportamento, aves brasileiras, proteção da fauna urbana, 18%).

Quanto à satisfação com o curso, 66% responderam que ficaram satisfeitos e 34% parcialmente ou não satisfeitos. As principais razões para a insatisfação com o curso foram: poucas atividades práticas (saídas a campo, exercícios práticos) - 6 pes-

soas; má programação do tempo (duração muito longa, distribuição do tempo entre os assuntos) - 3 pessoas; o curso deveria ser mais complexo, com mais informações - 3 pessoas.

No espaço destinado a sugestões gerais para os próximos cursos, predominou a sugestão de que o curso fosse mais aprofundado, do tipo “extensão universitária” e que houvesse mais exercícios práticos.

Com base nesta avaliação, as seguintes alterações deverão ser introduzidas:

a - quatro dias de curso continuarão, mas duas manhãs serão destinadas à observação de aves;

b - na aula de Identificação será incluída sistemática (características das ordens e famílias de aves do Brasil);

c - no horário vago será introduzida uma aula de Ecologia, com especial atenção ao ambiente urbano.

É intenção do CEA e do CEO explorar os temas em maior profundidade neste curso, passando a oferecer no primeiro semestre um curso rápido de um dia, durante as comemorações da Semana do Meio Ambiente, o qual serviria como introdução ao assunto “Observação de Aves”. Tal coisa será testada já em 1987.

O II Curso de Observação de Aves foi coordenado por Sumiko Honda (CEA) Luiz Fernando de Andrade Figueiredo (CEO) e Maria Martha Argel de Oliveira (CEO), e contou ainda com a participação do engenheiro agrônomo Sérgio Luís Pompéia, do Dr. Luiz Octavio Marcondes Machado (UNICAMP) e do fotógrafo Haroldo Palo Jr.

PAINEL 2

O PROBLEMA DA EXTINÇÃO DE ESPÉCIES*

Liliana Forneris
Depto de Zoologia IB, USP
05422-970 - São Paulo, SP

Extinção pode ser definida como o fenômeno do desaparecimento de uma espécie. Há extinções locais e totais. As causas explicativas da extinção são variadas, desde forças extraterrestres até fenômenos antropogênicos.

As espécies mais propícias à extinção total são aquelas especialistas, estenóicas (que vivem em um único tipo de ambiente), baixo poder de dispersão, baixa densidade populacional submetidas a alta taxa de predação. Poucas espécies apresentam todos estes atributos. Espécies generalistas, eurióicas (apresentando ampla distribuição), e constituídas de numerosas populações podem também estar sujeitas a extinções, principalmente locais. Neste caso, não faz muita diferença se as populações têm baixa ou alta densidade. Se tiverem boa capacidade de dispersão podem, eventualmente, recolonizar as áreas onde se extinguiram.

Os ambientes tropicais e sub-tropicais quentes, devido ao fato de serem biologicamente acomodados, apresentam, em geral, uma enorme diversidade específica. Por causa de seu ajustamento ao longo de sua própria história, grande parte de suas espécies parece ser estenóica e tem, via de regra, baixa densidade populacional. Pode-se mencionar ainda que, como na Biologia há numerosas exceções às regras, um fenômeno-

* Recebido em dezembro de 1986

no comum nos ambientes tropicais e sub-tropicais quentes é a assim chamada irrupção, isto é, um aumento exagerado, rápido e esporádico da densidade populacional de algumas espécies. Este fenômeno, referido mais comumente para invertebrados, p.e.gafanhoto, ocorre até em mamíferos, p.e. rato da taquara.

Com a crescente destruição dos habitats naturais, principalmente tropicais, o perigo que ameaça muitas espécies é enorme. Levando em consideração o conhecimento insuficiente que se tem desses habitats e, portanto, o pequeno ou nulo entendimento dos seus processos dinâmicos, mesmo uma destruição de pequena área pode levar a conseqüências danosas imprevisíveis.

Para se saber se uma espécie está em declínio, e portanto ameaçada de extinção, estudos populacionais a longo prazo são necessários. Isso porque as espécies têm ciclos populacionais com periodicidade variável e grandes flutuações numéricas. Por isso, fenômenos de irrupção devem ser identificados na sua periodicidade e nas suas causas, e não combatidos, como se faz usualmente, pois o dano poderá ser maior do que a simples redução de apenas uma espécie.

A maioria das espécies consideradas como ameaçadas de extinção, e por isso incluídas no “Red Data Book”, são aquelas usualmente predadas ou caçadas intensamente pelo homem.

Esforços têm sido feitos em vários países para salvar da extinção espécies que se tornaram raras. Entretanto, esses esforços esbarram com dificuldades de toda natureza, dada sua complexidade. Em aves, pode-se mencionar as tentativas que estão sendo feitas para salvar o condor da Califórnia (*Gymnogyps californianus*), na América do Norte, e a íbis *Nipponia nippon*, conhecida como toki, no Japão. A polêmica tentativa de recuperar a população do condor a partir dos últimos seis exemplares da natureza, com re-

produção no cativeiro e posterior soltura de jovens, esbarra na opinião de alguns de que os jovens, alimentados por humanos, não teriam capacidade de encontrar os locais naturais de alimentação, coisa que parece ser apreendida dos adultos. Já o toki é uma das espécies mais raras do mundo, com apenas 3 indivíduos no Japão e cerca de 20 na China. No século XIX era uma ave comum nos lagos e arrozais de muitas áreas do leste da Ásia. Sua plumagem branca, face vermelha e forte curvatura do bico preto tornaram-no objeto de muitas pinturas. No início da década de 30 as populações começaram a declinar no Japão e as 5 aves restante foram colocadas em cativeiro, em 1981. Com a descoberta de exemplares na China, foi iniciado um programa de recuperação cooperativo. Há dúvidas se, com a futura reintrodução dos exemplares na natureza, eles conseguirão sobreviver, pois as áreas em que anteriormente viviam estão poluídas por mercúrio e manganês, provindos de fertilizantes.

A conclusão óbvia que se pode tirar de todos os fatos discutidos e apresentados até aqui é que, diante da complexidade do assunto e da dificuldade em encontrar soluções adequadas e efetivas, é muito mais fácil preservar os ambientes naturais.

PAINEL 3

AINDA SOBRE OS NOMES POPULARES DAS AVES BRASILEIRAS*

Elizabeth Höfling

Departamento de Zoologia
Instituto de Biociências
Universidade de São Paulo

Num país como o Brasil, com cerca de 8,5 milhões de km², com regiões sócio-econômicas e aspectos culturais tão distintos, não é de se estranhar que as espécies de aves que aqui apresentam uma ampla distribuição geográfica recebam diferentes nomes populares. Estes nomes têm seu significado próprio e refletem, a partir da observação do leigo, diversas imagens que fazem parte da cultura brasileira, mostrando muitas vezes o seu regionalismo. Tal riqueza de linguagem deve ser preservada pois representa as diferentes contribuições que a linguagem popular oferece ao vernáculo nas diferentes regiões do país.

A preocupação que começou a ser manifestada há poucos anos, por parte de alguns ornitólogos, em uniformizar tais nomes populares, para que cada espécie tivesse apenas um nome vernacular, parece um tanto quanto pragmática. A nomenclatura científica já é responsável por tal uniformização desde a publicação, em 1758, da 10^a edição do *Sistema Naturae* de Linnaeus. Além disso, qualquer trabalho de cunho científico deve adotar uma nomenclatura também científica. A título de informação ao leitor, pode constar o nome popular (ou mesmo nomes populares) pelo qual a espécie é designada numa ou noutra região. É sem dúvida alguma, temerária a adoção de nomes

* Recebido em dezembro de 1986

padronizados, uma vez que tais nomes, devido à riqueza e à diversidade cultural das diferentes regiões, não terão significado algum ao leigo que desconhecer a padronização. Mais temerária ainda se torna a adoção de nomes vernáculos traduzidos do inglês ou de qualquer outro idioma. Nos nomes populares das aves brasileiras há uma grande influência de nomes indígenas, principalmente do tupi, como suindara, caburé, tucano, jacutinga, etc. Por outro lado, o idioma espanhol também influenciou as denominações populares regionais, uma vez que as populações humanas de nossas fronteiras assimilam termos deste idioma. Pode ser citado, como exemplo, o nome popular “calhandra”, empregado no Rio Grande do Sul para a espécie *Mimus saturninus*.

Às vezes o nome popular, refletindo as observações do leigo, pode parecer pejorativo: “caga-sebo”, “vira-bosta”, etc. Porém, tais nomes, mesmo sendo adotados regionalmente, têm o seu significado próprio e não podem ser simplesmente eliminados de nosso repertório vernacular. Critérios para adoção de nomes populares são sempre incompatíveis com a dinâmica e com a estrutura da linguagem popular.

Pode-se notar, com certa frequência, em trabalhos científicos publicados em inglês, a utilização de nomes populares, inclusive no título do mesmo. Não raras vezes, no título não consta sequer o nome científico da espécie (Gross, 1958; Jenni, 1969; Skutch, 1971), obrigando ao pesquisador a utilizar, durante um levantamento bibliográfico, uma outra fonte de referências para a localização da espécie, e assim constatar se o trabalho mencionado lhe interessa ou não. É nas publicações de caráter de divulgação científica, destinadas a um público mais abrangente, que se torna interessante o emprego de nomes populares. Estes, porém devem ser adotados de acordo com as características às quais se destina a

publicação. No entanto, mesmo em trabalhos de divulgação científica, não se deve deixar de mencionar o nome científico da espécie, evitando-se assim a possibilidade de confusões nomenclaturais.

Não são poucos os ornitólogos brasileiros que vêm se manifestando contrariamente à uma tentativa de uniformização dos nomes vernáculos das aves brasileiras; assim sendo, a presente opinião deve ser entendida como meu apoio não só a uma tentativa de padronização como também à preservação dessa nossa memória lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Gross, A. O., 1958. Life history of the bananaquit of Tobago Islands. *Wilson Bull.*, 70:257-279.
- Jenni, A. D., 1969. Diving times of the least grebe and masked duck. *Auk*, 86:355-356
- Skutch, A. F., 1971. Life history of the broad-billed motmot with notes on the rufous motmot. *Wilson Bull.*, 83:74-94.

NOTAS DE CAMPO

LOCAIS UTILIZADOS PELO CANÁRIO DA TERRA (*Sicalis flaveola*), PARA A NIDIFICAÇÃO*

Luiz Octávio Marcondes Machado

Depto de Zoologia

Instituto de Biologia, UNICAMP

13.081-970 - Campinas, SP

O canário-da-terra (*Sicalis flaveola*) é uma das espécies da família Emberizidae mais procuradas como pássaro de gaiola, não só pelo seu canto mas também para a participação em rinhas.

Devido à caça intensa já foi exterminado em várias regiões, embora ainda possa ser encontrado em algumas localidades da grande São Paulo.

Além da coibição de sua captura, uma outra maneira de aumentar seu número é propiciar locais para sua nidificação. O canário-da-terra é uma das poucas espécies da família a aninhar em cavidades. Este comportamento, se de um lado confere maior proteção a ovos e ninhegos, de outro torna difícil ao pássaro encontrar locais adequados à construção de ninhos. Outras aves, como o pardal (*Passer domesticus*), utilizam para nidificar os mesmos locais que *S. flaveola*, competindo assim com ele. Nunca observei um ninho ocupado por um canário-da-terra ser tomado pelo pardal ou vice-versa. Entretanto, como o pardal procria praticamente durante todo o ano, coisa que não ocorre com o canário-da-terra, com o passar do tempo menos locais estarão disponíveis para este último.

Para contornar este problema, podemos criar locais propícios à nidificação do canário. Já observei a espécie utilizando objetos colocados propositadamen-

* Recebido em dezembro de 1986

te, tais como cabaças, latas de conserva, caixas e barricas pequenas com orifício em um dos lados. Pode construir também seu ninho em rachaduras existentes na parte superior de mourões de cerca, sob o beiral de telhados de casas e em ninhos abandonados de joão-de-barro (*Furnarius rufus*). Em regiões de pecuária, é comum ser utilizada a cavidade craniana de crânios de boi espetados em estacas.

Como se pode perceber, é um dos poucos pássaros brasileiros que encontram local para nidificação nas próprias construções humanas, tendo sido, a algum tempo atrás, comum em fazendas e sítios, próximo a estábulos, e mesmo em cidades do interior.

OCORRÊNCIA DA CALANDRA REAL (*Mimus Triurus*) (PASSERIFORMES, MIMIDAE) NO ESTADO DE SÃO PAULO*

Maria Martha Argel de Oliveira
Centro de Estudos Ornitológicos

A família Mimidae, composta por trinta espécies, está representada no Brasil por três espécies do gênero *Mimus*, das quais apenas uma, o sabiá-do-campo, *Mimus saturninus*, está assinalada, até o momento, para o Estado de São Paulo (Oliveira Pinto, 1944). O sabiá-da-praia, *M. gilvus*, foi incluído na avifauna paulista por Ihering (1890) que, posteriormente, por não obter a confirmação da existência da espécie em São Paulo, retirou-a da lista do Estado (Ihering, 1904).

Quanto à terceira espécie, a calandra real, ou de três caudas, *M. triurus*, existem registros apenas para o sul de Mato Grosso do Sul (Oliveira Pinto, 1944), oeste do Rio Grande do Sul (Oliveira Pinto, op. cit.; Belton, 1985) e litoral do Rio Grande do

Recebido em dezembro de 1986

Sul (Belton, op. cit.).

Uma calandra real foi observada, a 7 de setembro de 1984, na Praia do Guaraú, município de Peruíbe (SP). A praia, localizada ao sul da cidade de Peruíbe, está separada desta por uma região elevada, que chega até o mar, coberta por mata. Para sul é limitada pelo que parece ser vegetação de mangue. É um ambiente bastante urbanizado, com grande quantidade de casas de veraneio, mas ainda com vários lotes vagos.

A ave foi observada à beira-mar, tendo sido avistada pela primeira vez enquanto voava sobre a água, no interior de uma pequena baía. Em vôo dava a impressão, graças à notável faixa branca das asas, de uma maria-branca, *Xolmis cinerea*, tendo vôo um pouco mais lento que esta. Pousou no alto de um poste, quando foi possível identificá-la como sendo um Mimidae. Ficaram então bem evidentes as retrizes externas da cauda, brancas. Os movimentos que a espécie faz com a cauda, quando pousada, são semelhantes aos do sabiá-do-campo.

Após alguns minutos, a ave voou para outro poste, tendo mudado de poleiro ainda mais algumas vezes antes de voar para trás de uma casa e desaparecer.

M. triurus é, ao menos em parte de sua distribuição, uma espécie migratória: é residente durante todo o ano no sul da Província de Buenos Aires (Narosky, 1982), mas ocorre apenas no inverno em, por exemplo, Berisso (norte da Província; Klimaitis, 1979), Paraná (Província de Entre Rios; Allen, 1949) e no Rio Grande do Sul (Belton, 1985).

A observação desse indivíduo de *M. triurus* em Peruíbe coincidiu com a chegada de uma frente fria, vinda do sul, o que sugere que a ave a tenha acompanhado. É interessante notar que, embora ausente da maior parte do interior do Rio Grande do Sul, durante o inverno a espécie está presente em todo o lito-

ral desse Estado (Belton, 1985), indicando que, em suas migrações, pelo menos parte da população segue a linha da costa. Os ambientes preferidos pela espécie são os campos com arbustos esparsos (Belton, op. cit.; Meyer de Schauensee, 1982) e vegetações xéricas baixas (Gochfeld, 1978; Sick, 1985), mas sua ocorrência em ambiente urbanizado já foi assinalada anteriormente, em Montevideu (Gambarotta, 1985).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, C.E., 1949. Observaciones de Paraná. *Hornero*, 9: 92-95.
- Belton, W., 1985. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. Part 2. Formicariidae through Corvidae. *Bull. amer. Mus. Nat. Hist.*, 180: 1-242.
- Gambarotta, J. C., 1985. Presencia de *Mimus triurus* (Mimidae) y *Tangara preciosa* (Thraupidae) en el ambiente urbano y nuevo registro de *Sporophila collaris* (Emberizidae) para Uruguay (Passeriformes). *Actas de las Jornadas de Zoología del Uruguay*, 1985: 79-80.
- Gochfeld, M., 1978. Ecological aspects of habitat selection by two sympatric Mockingbirds, *Mimus* spp, in Patagonia. *Ibis*, 120: 61-65.
- Ihering, H. von, 1898. As aves do Estado de São Paulo. *Revta Mus. paul.*, 3: 113-500.
- Ihering, H. von, 1904. As aves do Paraguay em comparação com as de São Paulo. *Revta Mus. paul.*, 6: 310-384.
- Klimaitis, J. F., 1977. Lista sistemática de aves del Partido de Berisso (Bs As). Parte II. Orden Passeriformes. *Hornero*, 11: 404-409.
- Meyer de Schauensee, R., 1982. *A guide to the birds of South America*. Intercollegiated Press. 498 p.
- Narosky, T., 1982. *Aves argentinas*. Buenos Aires,

- Asociación Ornitológica del Plata. 128 p.
- Oliveira Pinto, O. M. de, 1944. *Catálogo das aves do Brasil; 2ª parte - Ordem Passeriformes (continuação)*. São Paulo, Depto de Zoologia da Secretaria da Agr., Ind. e Com. 700 p.
- Sick, H., 1985. *Ornitologia brasileira: uma introdução*. Brasília, Universidade de Brasília. 827 p.

CARTAS RECEBIDAS

Pedro Scherer Neto, do Clube de Observadores de Aves, Curitiba, PR, em 21/10/86, parabenizando o Boletim CEO.

INSTRUÇÕES AOS COLABORADORES

O Boletim CEO tem por finalidade publicar artigos relativos à ornitologia, conservação da natureza, educação ambiental e matérias correlatas. Apresenta as seguintes seções:

HOMENAGEM/DESTAQUE: biografias, comentários ou homenagens sobre personalidades do campo da ornitologia. **OBJETIVA:** apresenta entidades ornitológicas, científicas e ambientalistas. **ARTIGOS:** trabalhos de investigação científica originais e inéditos, nos moldes tradicionais. **PAINEL:** revisões de literatura, comentários, relatos, manifestação de opiniões. **NOTAS DE CAMPO:** observações rápidas de campo; materiais e técnicas de estudo de aves. **EVENTOS:** relatórios de eventos ornitológicos, ambientalistas e científicos. **BIBLIOGRAFIA:** são relacionados livros e artigos recentes, publicados em revistas ornitológicas principalmente, e relacionados, em sua maior parte, à avifauna neotropical. Esta bibliografia poderá ser encontrada na Biblioteca do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.

Colaborações: Os manuscritos (em três vias) devem ser encaminhados ao Editor. Serão apreciados pelo menos por dois relatores e a decisão de publicar ou não no Boletim CEO será tomada pelo Conselho de Editores.

Após a aprovação para publicação, sempre que possível solicita-se que os autores encaminhem versões definitivas em disquete, sugerindo-se a digitação no programa “Word for Windows” ou compatíveis, com o mínimo de formatações. Solicita-se que os autores observem o tamanho da página do Boletim (13x19cm) quando incluírem tabelas ou figuras no texto. No caso de figuras, solicita-se que sua arte-final seja encaminhada já em dimensões compatíveis com o tamanho da página. As Tabelas poderão ser feitas “deitadas”, portanto com 19 cm de largura. Outras orientações mais detalhadas sobre a apresentação do trabalho em disquete serão encaminhadas aos autores em tempo oportuno. O Boletim CEO reserva-se o direito de reformatar o texto segundo seu estilo próprio. Por solicitação do autor ou a critério do editor, será encaminhada ao primeiro prova para aprovação, devendo o autor devolvê-la com sua avaliação final no prazo máximo de 1 semana.

Os artigos de investigação científica devem ser organizados segundo a estrutura formal: Título (conciso e completo, descrevendo o assunto com termos que possam ser indexados adequadamente), Autores (junto ao nome de cada autor deve ser mencionada a instituição em que o mesmo está filiado, acompanhada do respectivo endereço) Resumos (em português e inglês), Introdução, Material e Métodos, Resultados, Discussão, Conclusões, Referências bibliográficas. Evitar notas de rodapé.

As referências bibliográficas no texto devem incluir autor e ano (também a página se o autor o desejar). Referências bibliográficas completas dos trabalhos citados devem ser relacionadas no final, em ordem alfabética do sobrenome dos autores.

Sugere-se seguir para a citação dos nomes abreviados dos periódicos, o “Serial Sources for the BIOSIS Previews Database”.